

**JOAQUIM B. DE CARVALHO. 2013. WHY
THERE IS NO BACKNESS: THE CASE FOR
DISMISSING BOTH [CORONAL] AND [DORSAL].
IN J.-L. LÉONARD & S. NAÏM (ED.) *BACKNESS
AND BACKING*. MUNICH: LINCOM, PP. 45-58.**

Carlos Sousa e Silva¹

silvacarlosrogerio@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

1.

A demanda dos primitivos fonológicos tem sido, desde pelo menos Jakobson, Fant & Halle (1952), uma das maiores questões em que se empenham os fonólogos de todo o globo.

A ideia de que existe um conjunto de elementos básicos, universalmente disponíveis, de cuja combinação resultam todos os sons possíveis em todas as línguas do mundo, esteve na base da criação do modelo SPE (Chomsky & Hale 1968), bem como dos modelos de traços que o sucederam (Clements 1985).

No entanto, a obsessão por chegar a um número reduzido primitivos na Fonologia, semelhante à tabela periódica da Química, ganha especial relevo com a emergência da Teoria dos Elementos que, apesar de ter surgido sob o escopo da Fonologia das Partículas (Schane 1984), hoje abarca várias correntes teóricas, como a Fonologia das Dependências (Anderson & Ewen 1987), a Fonologia do Governo (Kaye, Lowenstamm & Vergnaud 1985) e a Fonologia CV Estrita (Hulst 1994).

Os primeiros modelos (Chomsky & Hale 1968) postulavam, como primitivos, um conjunto de traços binários e não hierarquizados, maioritariamente de base articatória, por exemplo, [+/- anterior], [+/- coronal], mas também de base fonológica, como [+/- silábico]. A estes seguiram-se as propostas da Geometria de Traços (Clements 1985), nas quais se

¹ Estudante do 1.º ano do curso de Mestrado em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

admite a existência tanto de traços binários como unários, que caracterizam um segmento, dispostos numa forma hierárquica de árvore.

A grande novidade da Teoria dos Elementos, inaugurada por Schane (1984), foi a determinação de elementos unários de base acústica para as vogais, cada um deles foneticamente pronunciável em “estado puro”. Contudo, rapidamente, esta teoria é reformulada e aplicada às consoantes, tanto por Anderson & Ewen (1987) como por Kaye, Lowenstamm & Vergnaud (1985), que voltam a “arborizar” os elementos e se distanciam um pouco da plausibilidade fonética. Esta última perde toda importância em modelos como o de Hulst (1994), em que os únicos elementos são |C| e |V|, e nos quais se defende que apesar de não serem foneticamente pronunciáveis, estes dois elementos, em função do gesto ou subgesto a que pertencem, são foneticamente interpretáveis; perspectiva partilhada por outras correntes mais *substance-free* (Hale & Reiss 2000).

A verdade é que os modelos elementaristas sempre tiveram dificuldade em aplicar os elementos às consoantes e, quando o fazem, reconhecem que a base acústica não é suficiente, recuperando, por isso, muito da “primitividade” articulatória, patente nos traços unários de Clements (1985), traduzindo-a quer em gestos e subgestos (Hulst 1994) quer em elementos propriamente ditos (Anderson & Ewen 1987; Kaye, Lowenstamm & Vergnaud 1985; Carvalho, Nguyen & Wauquier 2010; Backley 2011).

2.

Joaquim Brandão de Carvalho, investigador na Universidade de Paris VIII, é um dos fonólogos mais conceituados que trabalha do ponto de vista teórico e descritivo na Teoria dos Elementos.

Neste sentido, comprometido na demanda de reduzir ao mínimo o número de primitivos fonológicos, este autor, no artigo “Why there is no backness: the case for dismissing both [coronal] and [dorsal]”, propõe a exclusão dos primitivos [coronal] e [dorsal], importados de Clements (1985). Advoga-se, assim, que os primitivos “articulatórios” devem ser dispensados em favor de primitivos de “cavidade” (laríngea ou supra-laríngea) e de abertura. O grande argumento é o de que as consoantes velares, tal como as coronais, são subespecificadas quanto ao ponto de articulação num nível abstrato, como prova tanto a tipologia como a diacronia das línguas.

3.

O artigo abre com uma breve introdução e divide-se posteriormente em cinco partes.

Primeiramente, a secção “1. Why should velars be underspecified” divide-se em duas subpartes, a primeira uma exposição de provas tipológicas e a segunda de fenómenos diacrónicos. De seguida, em “2. Explaining two paradoxes”, descreve-se uma espécie de estado de arte, preparando a secção “3. From default to nonexistent features”, que reflete a nova ideia do autor e os argumentos para a sua defesa. Em “4. Dorsals and coronals as cavity states”, representa-se a classe das coronais e das dorsais em termos de elementos.

O estudo encerra com uma pequena conclusão (5.), à qual se seguem as referências bibliográficas que o autor referiu ao longo do texto.

4.

As consoantes velares, tradicionalmente caracterizadas com o traço articutório [DORSAL] na Teoria dos Traços, parecem, segundo alguns autores, ser subespecificadas quanto ao ponto de articulação. Os principais argumentos que sustentam esta perspetiva são: 1) o facto de sofrerem facilmente fenómenos de assimilação; 2) a posição nas cadeias unidireccionais de mudança fonética; 3) a transparência às vogais.

Na secção 1, alegando a amplitude com que a questão da transparência já foi estudada (Trigo 1988; Hulst & Smith 1989; Hulst 1991; Paradis & Prunet 1994), Carvalho (2013: 45) decide centrar-se nos dois primeiros pontos.

Em primeiro lugar, naquilo que diz respeito à *dorsal colorability*, este fonólogo apresenta como principais argumentos:

- i. A palatização das consoantes velares adjacentes a vogais anteriores que é:
 - a. Universal;
 - b. Obrigatória (/ki/ é sempre realizado como [ki], enquanto a realização de /ti/ como [ti] é facultativa);
 - c. Não perceptível aos falantes sem treino fonético especializado (enquanto a realização de [ti] é facilmente discriminada se estiver presente em determinada variedade dialetal de uma língua).
- ii. As consoantes mais *vowel-sensitive* são sobretudo as dorsais em todas as línguas do mundo, ou seja:
 - a. /k/ + I = /c/ dorso-palatais
 - b. /k/ + U = /k^w/ lábio-velares
 - c. /k/ + A = /q/ uvulares

Por outro lado, nas cadeias de mudança histórica, parece haver um movimento espontâneo e unidirecional de [CORONAL] para [DORSAL], como se demonstra em (1):

(1)

- a. Soantes:
 - . Lapesa (1967): pa[n] (castelhano padrão) > pa[ŋ] (dialetos meridionais e da América do Sul).
 - . Carvalho (1989). Em posição de coda silábica:
[l] > [t̪] > [w] (português, alemão holandês e francês).
 - [r] > [R] > [ʀ] (português, alemão holandês e francês).
- b. Oclusivas:
 - . Rice (1996): [tu] 'água'; [tən] 'gelo'; [səta] 'meu pai'; [yaʎti] 'ela fala' > [ku]; [kən]; [səka]; [yaʎki] (língua dos Chipewyan).
- c. Fricativas:
 - . Lapesa (1967): [ʃ] > [x] (castelhano).

Estas mudanças não derivam da assimilação, mas antes, conforme o autor, de uma perda de traços.

O duplo paradoxo com que o autor se depara na secção 2 é:

- i. Como é que as coronais e as velares podem ser subespecificadas quanto ao ponto de articulação e mesmo assim contrastar?
- ii. Como é que as coronais e as velares podem não ter ponto de articulação definido na cavidade oral e, ainda assim, sofrem “desbocalização”²?

Uma primeira proposta para resolver este problema foi a de Archangeli & Pulleyblank (1986), que dizia que algumas línguas opunham [coronal] a \emptyset e outras [velar] a \emptyset . A segunda, ainda baseada na Teoria da Subespecificação Radical (Archangeli 1984), foi proposta por Rice (1996), que advoga que tanto as coronais como as dorsais são universalmente subespecificadas. Assim, estas classes distinguem-se apenas pela aplicação ou não da *Coronal default rule*, conforme se verifica em (2), que explica elegantemente a variação histórica do havaiano. Nesta língua, nas mesmas posições em que /t/ se converteu em /k/, /k/ transformou-se em /ʔ/.

$$(2)$$

$$/t/ = \{\text{raiz, ponto, coronal}\} > /k/ = \{\text{raiz, ponto}\}$$

$$/k/ = \{\text{raiz, ponto}\} > /ʔ/ = \{\text{raiz}\}$$

Contudo, esta hipótese representativa reintroduz [dorsal] na descrição das dorsais marcadas, como as uvulares, o que a enfraquece em termos da pretendida subespecificação. Por seu lado, mesmo quando estão em causa as não marcadas, é perigoso dizer que as coronais e as dorsais têm a mesma representação nas línguas em que este contraste é importante na oposição de itens lexicais.

² Esta é uma tentativa de tradução própria do termo *debuccalization* usado pelo autor, que designa a perda do ponto de articulação na cavidade oral e movimento em direção à glote.

Carvalho (2013: 49-50), apesar de, como Rice (1996), defender que tanto as coronais como as dorsais não têm ponto de articulação especificado, vai mais longe ao dizer que não há traços como [coronal] ou [dorsal]. Deste modo, contrariando Rice (1996), afirma-se a inexistência da *Coronal Default Rule* e, como tal, assume-se que as coronais e as dorsais têm representações subjacentes diferentes.

Neste sentido, com recurso à Tipologia Fonológica, nomeadamente no que diz respeito aos inventários de vogais altas nas línguas do mundo, o autor mostra que, sempre que existe /y/, existe também /i/; todavia, não é obrigatória a existência de /u/ onde existe /ɯ/. Para além disso, encontram-se, tipologicamente, muitos casos de harmonização vocálica por arredondamento, anterioridade³, altura e ATR⁴, mas não exemplos claros de *back harmony*. Como tal, Carvalho (2013: 50) representa as vogais altas da seguinte maneira:

- . /y/ = [high/ATR, front, rounded]
- . /i/ = [high/ATR, front]
- . /u/ = [high/ATR, rounded]
- . /ɯ/ = [high/ATR]

Segundo este fonólogo, [recuado/dorsal] é, no fundo, a realização básica de [alto/ATR], na ausência de [arredondado] ou de [anterior], sendo que, na base da relação entre as vogais altas e as consoantes velares⁵, o mesmo funciona para estas últimas (Carvalho, 2013: 51):

- . /k/ = [high/ ATR]

Portanto, na penúltima secção do artigo, o autor advoga que a coronalidade e a velaridade devem ser representadas como *estados de cavidade*. Quer isto dizer que, se as velares forem definidas primariamente pela sua configuração faríngea, isto é, pelo Avanço da Raiz da Língua, então:

- i. O contraste entre consoantes velares e faríngeas, tal como entre /ɯ/ e /ɑ/, passa a ser representado, respetivamente, por [ATR]= faringe aberta e [RTR]= faringe fechada.
- ii. A coronalidade torna-se o único *gesto de língua*⁶ dentro da cavidade oral, tornando-se esta a articulação básica da língua nas cavidades superiores.

³ Usamos aqui anterioridade no seu sentido fonético, como tradução de 'front'.

⁴ *Raiç da Língua Avançada* traduz [ATR] 'Advanced Tongue Root'.

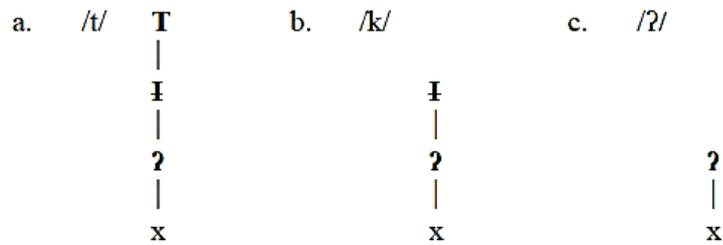
⁵ O autor apresenta, extensivamente, dados do dialeto de Colónia (Alemanha), de Antuérpia (Bélgica), corroborados por referências a algumas línguas asiáticas, africanas e americanas, como o Piranha, na qual /h/ é realizado como /k/ antes de /i/ ou /u/.

⁶ Tradução nossa de 'lingual gesture'.

iii. O único articulador “marcado” para as consoantes é [labial].

Em termos de elementos, Carvalho (2013: 54) propõe a representação em (3). Note-se que os elementos estão dispostos numa relação de dominância invertida, sendo que os de baixo “governam” os de cima.

(3)



Este fonólogo conclui o seu estudo reiterando a ideia de que: 1) as coronais e as dorsais são subespecificadas quando ao ponto de articulação; 2) o contraste entre estes grupos está codificado diretamente nas respetivas representações segmentais; 3) subespecificar um traço significa eliminá-lo do conjunto dos primitivos fonológicos; 4) o contraste coronal-dorsal tem de ser atribuído numa base diferente da dos pontos de articulação orais.

5.

Este artigo, tanto pelos dados que apresenta como pela proposta teórica que nele é feita, é de extremo valor para quem estuda ou se interessa pelo tema dos primitivos fonológicos.

A ideia de que a perda de material autosegmental nas codas está associada à subespecificação lexical⁷ dos segmentos, desenvolvida na secção 1, é interessante, mas o material analisado é escasso e exclusivamente direcionado à comprovação do ponto de vista teórico do autor. Seria interessante entrar em confronto com Kiparsky (2006, 2008) e ver, neste processo, “o que é que é perdido” numa abordagem, tipologicamente, mais ampla.

Por outro lado, quando o autor fala da representação das vogais altas, deduz-se, pelas representações propostas, que /ɯ/ é menos marcado do que /u/, o que parece ser aceitável na Teoria da Subespecificação Radical (Archangeli 1984), mas é incoerente com a Teoria dos

⁷ O autor não usa este termo.

Elementos (Schane 1984; Kaye, Lowenstamm & Vergnaud 1985; Anderson & Ewen 1987; Backley 2011).

No entanto, a eliminação dos traços primitivos [dorsal] e [coronal] é uma proposta teórica corajosa por parte deste investigador e, neste artigo, fortemente fundamentada com dados fonológicos, quer da diacronia quer da tipologia. Assim, esta hipótese não deve ser, de forma alguma, desconsiderada. É preciso, porém, continuar o trabalho de aplicação da mesma a novos dados fonológicos, de forma a dar-lhe consistência ou a reformulá-la.

REFERÊNCIAS

- Anderson, J. M.; Ewen, C. J. 1987. *Principles of dependency phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Archangeli, D. 1984. *Underspecification in Yawelmani phonology and morphology*. Dissertação de Doutoramento, MIT.
- Archangeli, D.; Pulleyblank, D. 1986. *The content of phonological representations*. Unpubl. ms., University of Arizona; University of British Columbia.
- Backley, Phillip. 2011. *An introduction to Element Theory*. Edinburgh: University Press.
- Carvalho, J. B. de. 1989. L'évolution des sonantes ibéro-romanes et la chute de -N-, -L- en gallaico-portugais. *Revue de linguistique romane* 53, pp. 159-188.
- Carvalho, J. B. de. 2013. Why there is no backness: the case for dismissing both [coronal] and [dorsal]. In J.-L. Léonard; S. Naïm (ed.) *Backness and backing*. Munich: Lincom, pp. 45-58.
- Carvalho, J.; Nguyen, N.; Wauquier, S. 2010. *Comprendre la phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Chomsky, N.; Halle, M. 1968. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row.
- Clements, G. N. 1985. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook* 2, pp. 225-52.
- Hale, M. & Reiss, C. 2000. Substance abuse and dysfunctionality: Current trends in phonology. *Linguistic Inquiry* 31, pp. 157-169.
- Hulst, H. van der. 1991. The molecular structure of phonological segments. Unpubl. ms., University of Leiden.
- Hulst, H. van der. 1994. Radical CV Phonology: the locational gesture. *University College London Working Papers in Linguistics* 6, pp. 439-477.

- Hulst, H. van der.; Smith, N. 1989. The structure of (complex) consonants. Paper presented at the MIT Conference on Features and Underspecification Theories.
- Jakobson, R.; Fant, G.; Halle, M. 1952. *Preliminaries to Speech Analysis The Distinctive Features and their Correlates*. Massachusetts: MIT Press.
- Kaye, J., Lowenstamm, J.; Vergnaud, J.-R. 1985. The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. *Phonology yearbook* 2, pp. 305-328.
- Lapesa, R. 1967. *Dialectología española*. Madrid: Gredos.
- Schane, S. 1984. The fundamentals of particle phonology. *Phonology yearbook* 1, pp. 129-155.
- Paradis, C.; Prunet, J.-F. 1994. A reanalysis of velar transparency cases. *Linguistic review* 11, pp. 101-140.
- Rice, K. 1996. Default variability: the coronal-velar relationship. *Natural language and linguistic theory* 14, pp. 493-543.
- Trigo, L. 1988. *On the phonological behavior and derivation of nasal glides*. Dissertação de Doutoramento, MIT.